
CONDIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE DURANTE AS AULAS REMOTAS: DESAFIOS EDUCACIONAIS PÓS-PANDEMIA

João Eduardo Lamim¹
Sandro Everton Nascimento²
Edvando Santos Cordeiro³

Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo compreender os impactos causados na contextualização docente através dos usos das tecnologias digitais em tempos de Covid-19. Sabe-se que o uso das plataformas digitais se transformou no principal suporte dos professores para a realização do processo ensino-aprendizagem. Assim, pretende-se compreender, de acordo com Marcelo (2009) e Souza, Tamanini e Santos (2020), como o profissional docente tem se relacionado com essas tecnologias e quais os impactos sociais e psicológicos decorrem deste processo. Assim, para esta pesquisa qualitativa com análise do conteúdo conforme Bardin (1979), foram entrevistados três professores de realidades variadas para questioná-los sobre os desafios encontrados, os recursos utilizados e suas condições emocionais durante a realização das aulas remotas. Pode-se constatar que, embora as condições de trabalho sejam limitadas e as rotinas desgastantes, há um esforço conjunto dos professores para dar continuidade ao percurso educacional dos alunos, embora as soluções não sejam definitivas nesta realidade sem precedentes.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais; Trabalho Docente; Isolamento Social; Aulas Remotas.

CONDITIONS OF TEACHING WORK DURING REMOTE CLASSES: POST-PANDEMIC EDUCATIONAL CHALLENGES

Abstract:

The present work has as main objective to understand the impacts caused in the teaching context through the use of digital technologies in Covid-19 times. It is known that the use of digital platforms has become the main support for teachers to carry out the teaching-learning process. Thus, it is intended to understand, according to Marcelo (2009) and Souza, Tamanini and Santos (2020), how the teaching professional has been related to these technologies and what the social and psychological impacts result from this process. Thus, for this qualitative research with content analysis according to Bardin (1979), three teachers of varied realities were interviewed to question them about the challenges encountered, the resources used and their emotional conditions during the realization of remote classes. It can be seen that, although working conditions are limited and routines are exhausting, there is a joint effort by teachers to continue the educational path of students, although the solutions are not definitive in this unprecedented reality.

Keywords: Digital Technologies; Teaching Work; Social Isolation; Remote Lessons.

¹ Mestrando em Educação pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Bolsista integral CAPES/PROSUC. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Curriculares, Docência e Tecnologias (GECNOTE - UNIVILLE). Graduado em Filosofia pela Faculdade São Luiz (2010-2012). Graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Santa Catarina (2016-2019). E-mail: joaoedursl@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0736-585X>

² Mestrando em Educação pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Licenciado em Letras, pela Universidade do Norte do Paraná (2009). Professor da Escola de Educação Básica “Dr. Jorge Lacerda”. Membro do Grupo de Pesquisa em Letramento no Trabalho e na Formação de Professores (LETRAFOR - UNIVILLE). E-mail: sandro-1905@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2632-6028>

³ Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais/SP (2011). Licenciado em Pedagogia pela Uniasselvi de Indaial/SC (2018). Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado de Santa Catarina. E-mail: edvandofc@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2154-183X>

1 INTRODUÇÃO

O trabalho docente se estrutura a partir de vários elementos importantes. Mais que um profissional responsável pela transmissão de conteúdos prontos e fechados, o professor se apresenta como um mediador de conhecimentos e facilitador de processos de aprendizagem. Carlos Marcelo (2009) reflete acerca da identidade docente como construção do próprio sujeito a partir da reflexão de sua ação contextual, sendo

um processo evolutivo de interpretação e reinterpretação de experiências, uma noção que coincide com a ideia de que o desenvolvimento dos professores nunca para e é visto como uma aprendizagem ao longo da vida. Desse ponto de vista, a formação da identidade profissional não é a resposta à pergunta quem sou eu neste momento?, mas sim a resposta à pergunta o que quero vir a ser? (MARCELO, 2009, p. 112-113).

A construção identitária da profissionalidade, a partir das experiências circundantes, compreende-se o professor como agente importante de comunicação entre a instituição escolar, seus sujeitos próprios e o mundo. Além de sua função em sala de aula, o professor se constitui, como afirma Paulo Freire (2001), um agente social de transformação e “humanização dos sujeitos”, possibilitando que cada indivíduo possa afirmar-se como o próprio Freire se descrevia: “não nasci... vim me tornando” (FREIRE, 2001, p. 87). Quando reconhecíamos o professor de nossa infância no cotidiano da cidade, nos ambientes civis (no mercado, posto de saúde, parque etc) dificilmente o chamávamos por seu nome ou por outra caracterização específica: sempre nos alegrávamos o cumprimentando: “Olá, professor!” Em qualquer lugar que esteja, o professor será reconhecido como tal. A profissionalidade docente se concretiza no encontro da teoria e da prática, da profissão e da vida cotidiana, das realidades institucionais e da vida pessoal, das responsabilidades na formação dos discentes e na preocupação por sua própria formação permanente.

Marcelo (2009), afirmando a construção da identidade docente a partir da intersubjetividade do lugar em que se existe e a partir das funções que assume, recorda que

é preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. [...] A identidade profissional não é uma identidade estável, inerente ou fixa. É resultado de um complexo e dinâmico equilíbrio onde a própria imagem como profissional tem que se harmonizar com uma variedade de papéis que os professores sentem que devem desempenhar. (MARCELO, 2009, p. 112).

O professor, dentro da história social e cultural, se apresenta como “ponte” entre os saberes, os indivíduos e suas potencialidades.

Nossa pesquisa se justifica a partir da relevante contextualização da profissionalidade docente em sua função social no atual momento histórico do isolamento social devido à pandemia,

compreendido diversamente como “era da informação”, “era da interatividade”, “era digital” ou outros conceitos semelhantes. Como caracterização fundamental, podemos afirmar que este tempo atual é “marcado por transformações vertiginosas em todas as suas esferas - social, econômica, política, cultural, educacional etc. -, pautadas na conectividade, ubiquidade, interatividade, comunicação multidirecional, informação em tempo real, descentralização e democratização da informação e das comunicações” (SOUZA; TAMANINI; SANTOS, 2020, p. 2), que influenciam no modo de compreensão acerca dos indivíduos e instituições inseridos nesta realidade, bem como do próprio mundo ao qual são sujeitos históricos responsáveis por sua construção.

Além de uma característica da cultura historicamente construída, os processos que já eram marcados pela virtualização das relações, têm se intensificado ultimamente devido ao isolamento social obrigatório, medida tomada devido ao surto pandêmico do “Coronavírus” (COVID-19). Tal acentuação acontece, de modo especial, nos processos educacionais, que antes tomavam das tecnologias digitais alguns meios e soluções e, nos últimos meses, se viram “reféns” das tecnologias e aparatos eletrônicos, realizando aulas e todas as demais atividades educativas a distância a partir dos espaços virtuais. Se antes as tecnologias poderiam ser facultativas e secundárias na educação, agora estão sendo obrigatórias e, junto com a própria atividade docente-discente, se coloca como elemento fundamental para a concretização do processo ensino-aprendizagem.

Faz-se mister pensar a relação educação e tecnologias digitais para o futuro, a fim de que estejam em sintonia pedagógica, tendo em vista a construção de sujeitos críticos e atentos às necessidades do seu tempo. Nesta perspectiva se colocam questões como: os professores, alunos e famílias estavam preparados para o ensino remoto? As adaptações de metodologia e conteúdo foram realizadas adequadamente? Quais problemas se colocam diante da dificuldade dos acessos aos meios digitais? Que impactos causaram e causarão na educação? Como se sentem os sujeitos docentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem nesse tempo de aulas remotas?

2 A PESQUISA: METODOLOGIA E DADOS

A presente pesquisa, de caráter qualitativa, baseou-se na definição de Denzin e Lincoln (2006) quando conceituam tal tipo de pesquisa, a partir da abordagem interpretativa do mundo, procurando compreender os fenômenos propostos a partir das significações que os próprios sujeitos participantes da pesquisa dão a eles. A atenção para a abordagem e modo de análise se voltou para os depoimentos dos sujeitos docentes envolvidos e os significados presentes direta ou indiretamente nas suas narrativas. Como objetivo central, buscamos investigar, a partir da diversidade de identidade docente, os impactos e condições que o uso das tecnologias teve no trabalho docente, as adaptações que precisaram ser realizadas, os meios dispostos que tiveram das instituições para que as mesmas acontecessem e as condições e impactos pessoais/psicológicas provocados pela atual

situação educacional e a atividade docente. A pergunta que baseou a pesquisa foi: quais as condições de trabalho, adaptações necessárias, desafios profissionais e impactos psicológicos da educação no período pandêmico?

A sondagem foi executada para realização de um trabalho de “análise de dados” para uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade da Região de Joinville/SC (UNIVILLE) por três estudantes mestrands, sendo posteriormente apresentados e analisados pelos professores e demais mestrands da turma em questão. Como metodologia de pesquisa, preferiu-se optar pelo questionário breve, com 5 questões abertas, abrangendo a identificação pessoal e profissional, os recursos utilizados na docência durante as aulas remotas por causa da pandemia, as necessárias adaptações, os demais desafios e os impactos pessoais/psicológicos desta experiência de ensino totalmente virtualizado. O questionário foi enviado via e-mail e WhatsApp para 3 docentes dos municípios do litoral do estado de Santa Catarina (Florianópolis) e da região nordeste do estado (Joinville e Schroeder), sendo 1 de cada rede de ensino: municipal, estadual e privada. A pesquisa foi realizada com devolução dos dados entre os dias 2 e 5 de junho de 2020 e com consentimento de uso, manipulação e eventual utilização dos resultados em trabalhos científicos com identidades anônimas dos participantes.

Responderam o questionário um docente de cada rede de ensino, a saber: municipal, estadual e privada. A idade dos docentes se coloca entre 25 e 50 anos e o tempo de docência entre 5 e 20 anos, nos municípios de Schroeder, Joinville e Florianópolis. Agrupamos o perfil específico de cada docente: Professor A: 25 anos, 5 anos de profissão, docente do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio da rede privada no município de Joinville/SC; Professor B: 42 anos, 10 anos de profissão, docente do Ensino Fundamental I e II, da rede municipal de Schroeder/SC; Professor C: 50 anos, 20 anos de profissão, docente do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, da rede estadual, do município de Florianópolis/SC.

Para a análise dos dados obtidos, seguiremos o método e definição de Bardin (1979) acerca da “análise do conteúdo” como modo de ler e compreender os textos e as “falas” (tendências praxiológicas) presentes, investigando o uso da linguagem em seus contextos sociais. Trata-se da consideração dos conteúdos dos discursos associado a questões sociais ou culturais sempre em movimento, especialmente no atual contexto de adaptações durante o isolamento social do COVID-19. A partir das narrativas apresentadas pelos docentes no questionário, será dividido em temas específicos ou categorias para então analisar as características das condições de trabalho dos professores e possíveis impactos da vida pessoal e profissionalidade docente.

Pudemos contar na análise com um quadro de recorte mais geral, através da participação de docentes recém profissionalizados, com experiência mediana e com maior experiência profissional,

bem como advindos da diversidade de redes e etapas escolares e diferentes municípios do litoral centro-norte do estado de Santa Catarina.

3 NARRATIVAS DOCENTES

A partir das considerações discutidas pelos próprios docentes, pode-se traçar uma análise a partir das temáticas elencadas nas próprias questões e já apresentadas no texto.

Quanto aos recursos utilizados, os entrevistados revelaram diferentes formas de utilização. No entanto, todos eles mostraram preocupação com todo esse “novo” formato de aplicação das aulas. Os principais meios citados foram vídeo-aulas, grupos de WhatsApp, tutoriais do YouTube (para exposição de conteúdo do livro didático ou maquetes e outras formas tradicionais), ferramentas do Google (Classroom, Meets, Docs, Slides, Forms) e Khan Academy. Nota-se que, neste quesito, a infraestrutura oferecida pelas instituições tem valor preponderante. As ferramentas alternativas e interativas do Google foram citadas pelo professor A, pertencente à rede privada, enquanto as outras contribuições (práticas ainda tradicionais com tentativas de adaptação) se concentram na resposta dos docentes de rede municipal e estadual. Por um lado, reafirmamos a compreensão de que as “inovações” no campo da educação não decorrem das tecnologias em si, mas são implementadas processualmente pelos seus usuários” (SOUZA; TAMANINI; SANTOS, 2020, p. 2). Contudo, dependem também de incentivos e investimentos, não resumindo-se na utilização de aparelhos eletrônicos mas de “novas linguagens e gêneros textuais, redes sociais virtuais, produção e compartilhamento de conteúdo em rede e em tempo real e construção colaborativa do conhecimento, simulações de realidades virtuais” (SOUZA; TAMANINI; SANTOS, 2020, p. 2), formando uma consciência estrutural digital, possibilitando a construção de “sentidos, influenciando na formação de identidades e na representação do mundo, dos objetos e dos seres que habitam na cultura digital.” (SOUZA; TAMANINI; SANTOS, 2020, p. 2).

Quanto às adaptações feitas para as aulas virtualizadas e durante o processo de quarentena devido ao COVID- 19, cada profissional comentou seus processos de compreensão na medida de suas possibilidades, concentrando-se mais em adaptações das práticas já realizadas tradicionalmente. O professor B afirmou: “*precisei enviar atividades simplificadas para que os pais tivessem o entendimento da mesma para auxiliar o filho*” (Narrativa do entrevistado B, 2020). O professor C também comenta: “*você precisa adaptar não só o conteúdo, mas também como você está aplicando essa matéria*” (Narrativa do entrevistado C, 2020), afirmando uma perspectiva metodológica. O professor A fala em tom de desabafo: “*Sim, muitas*” (Narrativa do entrevistado C, 2020). Nesta perspectiva, as adaptações se mostram cada vez mais comuns e necessárias, pois na atual compreensão da realidade digital “não se concebe a ideia de que a escola fique à margem das práticas que marcam a cultura do tempo presente, especialmente do ciberespaço e do conteúdo que

ali circula. Ser excluído das redes é uma das formas mais danosas de exclusão no âmbito econômico e cultural” (SOUZA, TAMANINI E SANTOS, 2020, p. 5). Contudo, as devidas adaptações não podem resumir-se a antigas práticas em novos meios, mas novas práticas em vista da construção de sujeitos contextualizados. Deste modo, é papel da escola propiciar espaços de formação e construção de conhecimentos que permitam ao docente estar apto para circular com flexibilidade e criatividade nos “novos espaços” educativos, predominantemente virtualizados.

Quanto aos demais desafios das aulas virtualizadas, os três profissionais entrevistados pareciam estar preocupados com a aceitação dos alunos em função das rápidas adaptações que as famílias tiveram que fazer. O professor B comentou que, apesar das aulas serem bem preparadas e “fundamentadas”, há *“pouco material prático, porque os pais não têm acesso a alguns materiais [...] Muitos não têm celular e esperam os pais chegarem do trabalho ou esperam os finais de semana para realizar as atividades. Isso quando fazem”* (Narrativa do entrevistado B, 2020). O professor A expressa sua dificuldade dizendo que *“foi bastante difícil explicar como usar transferidores online. Tive que mostrar-lhes um vídeo”* (Narrativa do entrevistado A, 2020). Já o professor C ainda acrescenta: *“você não tem os seus alunos ali com você, é como dar aula para o vazio”* (Narrativa do entrevistado C, 2020). Os desafios, na maioria das narrativas, se colocam no âmbito primário, relativo aos acessos materiais de modo que se tornam a primeira barreira de uma gama de problemas sucessivos a ser vencida, na dimensão de construção de consciência digital, estruturação de processos integrativos etc. A narrativa do professor C se aproximou mais da dificuldade relacional presente, salientando o “vazio” característico da falta de contato presencial com os alunos.

Quanto aos impactos emocionais nos quais se encontram os docentes no período da pesquisa são demonstrados de modos diferentes. No entanto, estão voltados aos problemas em comum que essa nova fase de adaptação gera. O professor da rede particular assim relata seu atual estado emocional: *“temos que gravar videoaula para os alunos entenderem, mas temos muitos colegas extremamente tímidos, porém torna-se necessário quebrar essas barreiras. Cobrança por toda parte”* (Narrativa do entrevistado A, 2020). Na última frase demonstrando a sobrecarga que essa nova fase acarreta. O professor C faz um desabafo sentimental ao dizer: *“[...] sinto falta da energia dos alunos. Como moro sozinh@ eu me sinto mais solitári@”* (Narrativa do entrevistado C, 2020). O professor B também expressa suas angústias: *“Bastante estressad@, frustrad@ às vezes, preocupad@ com o ensino”* (Narrativa do entrevistado B, 2020). De um modo geral, percebeu-se a sinceridade e um tom de desabafo nas respostas obtidas, visto que todas denotam dificuldades e cansaço por parte dos próprios docentes. Apesar de relatar tais dificuldades, eles também expressam indiretamente um otimismo em relação as mudanças que foram iniciadas através das aulas virtualizadas. A preocupação expressada pelo professor A, da rede privada, demonstra a percepção da

formação docente como um elemento fundamental da organização social, já que demonstra preocupação “*com o ensino (de maneira específica no contexto com que trabalho, mas especialmente no âmbito nacional)*” (Narrativa do entrevistado A, 2020). Por vezes somos levados a pensar erroneamente numa separação abissal entre ensino público e privado, caracterizando este último como despreocupado com o cenário público. Revela-se uma interessante constatação de diálogo entre ensino público e privado a partir dos problemas que permeiam a educação como realidade nacional.

De um modo geral, pode-se observar nos impactos pessoais/profissionais dos docentes participantes da pesquisa um misto de exaustão e motivação para mudança na prática docente.

4 ISOLAMENTO SOCIAL: UM NOVO RECOMEÇO EDUCACIONAL

O imediatismo nas adaptações que esse processo de pandemia tem gerado nos profissionais da educação mostra as fragilidades das instituições frente a essa esfera global. NÓVOA (2020), em uma *live* realizada para a formação continuada dos professores do Estado da Bahia, comenta que é uma oportunidade para observarmos a “importância” de se compreender a “seriedade do momento” em que estamos vivendo. “Não há nada comparado a essa crise”; é “uma crise sem precedentes”. Essa fala do autor reforça a ação dos profissionais entrevistados que mesmo mostrando suas dificuldades em adaptar suas metodologias, eles não desistem desse bem maior que é a educação.

Essa rapidez com que a educação necessitou lidar, mostra as deficiências do sistema institucional docente. Marcelo (2009) acredita que exista

uma desconfiança endêmica dos docentes diante das tecnologias. E não creio que seja algo intencional, mas talvez seja devido ao fato de que a apresentação das tecnologias como produtos acabados, já projetados e prontos para utilizar, se encaixa muito mal com essa ideia do docente como artesão que necessita desmontar os projetos e processos para poder assim apropriar-se deles (MARCELO, 2009, p. 126).

O autor comenta que essa dificuldade dos docentes em lidar com as tecnologias não é algo intencional, mas, provavelmente seja pelo fato de que uma tecnologia é algo já acabado, “pronto para utilizar”. O profissional da educação, antes de tudo é um humano e precisa dessa “humanização” (NÓVOA, 2020) que caracteriza esse sujeito e o diferencie de um “aparelho tecnológico”. O professor C, ao ser perguntado sobre o maior desafio desse momento, respondeu: “*você não tem os seus alunos ali com você, é como dar aula para o vazio. Quando estamos em sala temos uma troca... a empatia, como eles estão se sentindo, se estão entendendo... você sente a vibração da turma para decidir como será sua aula... agora não é mais assim*” (Narrativa do entrevistado C, 2020).

A mudança que se requer a partir da experiência com as aulas remotas deve atingir todos os âmbitos das estruturas sociais educacionais: alunos, família, professores, instituições, gestão, sociedade etc. Em consonância com essa perspectiva, Souza, Tamanini e Santo (2020, p. 6) afirmam “que não adianta o professor inserir tecnologias para ensinar do mesmo modo que ensinava antes”, uma vez que “É preciso que todo o modelo pedagógico, assim como as concepções de ensino, aprendizagem, avaliação, conhecimento, papel do aluno e do professor que têm imperado na escola sejam repensados” (*Idem*).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se inferir que esta pesquisa é muito pertinente quando pensamos na realidade que vivemos atualmente. Professores de todo o mundo veem-se frente a um desafio sem precedentes, tendo que buscar respostas urgentes para um problema de abrangência mundial. Com o isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19, professores de todo o mundo foram obrigados a reinventar suas maneiras de dar aula, adequar-se às novas tecnologias e tentar preservar sua saúde mental frente a um momento que estamos todos um pouco mais solitários.

Os professores entrevistados para esta pesquisa demonstraram em algum momento que foi necessário realizar adaptações para continuar o seu trabalho e isso demonstra um esforço extra na tentativa de ensinar seus conteúdos. Neste novo cenário, os alunos ganham ainda mais destaque no processo ensino-aprendizagem com a autonomia recebida de forma involuntária. Mas é preciso também considerar que as novas maneiras de dar aula concorrem com alunos nem sempre tão interessados e isto pode ser um fator de frustração para o trabalho docente. Como ter certeza que meu aluno está aprendendo, será que estou no caminho certo?

Todos os professores trouxeram queixas sobre a cobrança das escolas e seus superiores, sobre o trabalho em tempo de pandemia: mudam-se os desafios, aumentam as cobranças, lida-se com frustrações. É preciso uma reflexão sobre como as atividades recebidas pelos alunos e suas famílias são recebidas e como podem ser trabalhadas de maneira satisfatória, permitindo ao aluno um mínimo de compreensão. Se os desafios em sala de aula são imensos, esse novo cenário nos faz refletir no desafio imposto aos professores do mundo todo em dar continuidade a um trabalho que tem na figura do professor um agente de esperança e doação para garantir a continuidade do percurso educativo de milhares de alunos. Percebe-se na fala dos professores entrevistados que, embora estejamos vivendo tempos difíceis, continuar a ensinar com determinação e garra é nosso maior desafio.

APÊNDICE

FORMULÁRIO

Olá, estimad@ professor[a].

Você está sendo convidad@ para participar de uma pesquisa acerca das “**Condições de trabalho durante o tempo de pandemia**”. Ela está sendo proposta para uma disciplina de um Programa de Pós-Graduação em Educação.

Sua participação é muito importante. Seu nome e gênero não serão perguntados, para garantir seu anonimato na pesquisa. Se você desejar participar, responda as questões e encaminhe como resposta ao e-mail que você recebeu.

Assim que apresentado e avaliado na disciplina, você receberá a devolutiva da pesquisa. Desde já, muito obrigado!

QUESTIONÁRIO⁴

1. Identificação: idade, tempo de profissão, anos/séries/etapas com os quais trabalha, instituição que atua.

Professor A – Rede de Ensino Municipal

25 anos

5 anos de profissão

5 anos - Ensino Fundamental II

2 anos - Ensino Fundamental I

1 ano - Ensino Médio

Trabalho na Coree International School – Município de Joinville/SC

Professor B – Rede de Ensino Estadual

42 anos

10 anos de profissão

5 anos ensino fundamental I

EM Prof. Santos Tomaselli - Município de Schroeder/SC

Professor C – Rede de Ensino Particular

50 anos

20 anos de profissão

12 anos - Ensino Fundamental II

8 anos - Ensino Médio

Instituto Estadual de Educação – Município de Florianópolis/SC

2. Quais recursos você utilizou para preparar e ministrar as suas aulas?

Professor A: *Agora eu uso mais vídeos e tutoriais do YouTube. Fiz vários cursos que a SED aplicou e procuro usar o Hangout Meet para me comunicar. Uso também o Google Forms que é uma forma para trabalhar com questões alternativas...*

Professor B: *Ferramentas Google (Classroom, Meets, Docs, Slides, Forms), livro didático e Khan Academy.*

⁴ Os dados do questionário estão apresentados *ipsis litris* conforme os docentes pesquisados, sem alteração de descrição, correção ortográfica etc.

Professor C: *Vídeos aulas, atividades impressas para retirar na escola para os alunos que não têm acesso à internet. Grupo de WhatsApp para enviar vídeos explicativos ou tirar dúvidas. Aulas fundamentadas, porém com pouco material prático porque os pais não tem acesso a alguns materiais. Exemplo: placa de isopor, palito de churrasco, etc para criar um planetário*

3. Foi necessário realizar alguma adaptação no planejamento durante as aulas remotas? Dê um exemplo.

Professor A: *Sim, muitas. Por exemplo, foi bastante difícil explicar como usar transferidores online. Tive que mostrar-lhes um vídeo.*

Professor B: *Sim. Muitas e sempre. Nem todos os alunos e nem pais tem entendimento do ensino a distância, muitas vezes precisei enviar atividades simplificadas para que os pais tivessem o entendimento da mesma para auxiliar o filho.*

Professor C: *Com certeza... Você tem um planejamento, uma maneira de dar aula em que você trabalha há bastante tempo como professor... você precisa adaptar não só o conteúdo, mas também como você está aplicando essa matéria. Você sabe que não atinge cem por cento dos seus alunos, mas continua tentando.*

4. Quais os principais desafios encontrados na realização do trabalho docente durante o tempo da pandemia?

Professor A: *A escola que eu trabalho está com aulas virtuais em tempo real, estilo Google Meet. Com os menores, o desafio ajudá-los na organização, conseguir ouvir quem tem dúvida e não falarem todos ao mesmo tempo.*

Com os maiores, o desafio é fazer com que participem. O desinteresse aumentou. Com ambos, problemas com a conexão são frequentes.

Professor B: *Fazer com que o aluno interaja no sistema. Sistema tem picos de oscilações. Como é uma escola mais longe do centro, muitas vezes a internet dos alunos não funcionam. Muitos não têm celular e esperam os pais chegar em do trabalho ou esperam os finais de semana para realizar as atividades. Isso quando fazem.*

Professor C: *Primeiramente o fato que você precisa reaprender a dar aula com a tecnologia e se reinventar. Também tem a solidão, você sente falta da energia dos alunos... Você não tem os seus alunos ali com você, é como dar aula para o vazio. Quando estamos em sala temos uma troca... a empatia, como eles estão se sentindo, se estão entendendo... você sente a vibração da turma para decidir como será sua aula... agora não é mais assim.*

5. Como você se sente [emocionalmente] em relação ao seu trabalho neste período de isolamento social?

Professor A: *Bastante estressad@, frustrad@ às vezes, preocupad@ com o ensino (de maneira específica no contexto com que trabalho, mas especialmente no âmbito nacional). Também acho que estou aprendendo bastante.*

Professor B: *Frustrad@. Exhaust@ com cobranças. Muitas vezes pensam no estado psicológico e emocional do aluno, esquecendo que os professores também necessitam. Temos que aprender a utilizar com maior praticidade à internet. Temos que gravar vídeo aula para os alunos entenderem mas temos muitos colegas extremamente tímidos, porém torna-se necessário quebrar essas barreiras. Cobrança por toda parte.*

Professor C: *Eu acho que eu procuro trabalhar muito.... Sem ter tempo de pensar em estar feliz ou triste. Mas sinto falta da energia dos alunos. Como moro sozinh@ eu me sinto mais solitári@.*

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**. Trad. Cristina Antunes, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez, 2009.

NÓVOA, António. Live-palestra concedida pelo Prof. Dr. António Nóvoa à Secretaria da Educação do estado da Bahia. **Formação Continuada - Aula Magna António Nóvoa**. s.l.: Educação Bahia, 14 abr. 2020. (00m00s-35m20s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7kSPWa5Nio&t=2137s>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SOUZA, Maria do Socorro; TAMANINI, Paulo Augusto; SANTOS, Jean Mac Colle Tavares. Cultura digital: tecnologias, escola e novas práticas educativas. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 22, p. 1-19, 2020.

*Submetido em: 01 de julho de 2020.
Aprovado em: 28 de setembro de 2020.*